

ASSISTÊNCIA DE ENFERMEIRO NA TERAPIA INTENSIVA

Jeferson Severiano da Silva¹
Geovanna Cristina de Lima²

RESUMO: A assistência de enfermagem na terapia intensiva constitui uma prática altamente especializada, que exige competências técnicas, científicas, gerenciais e humanas. Este estudo trata-se de uma revisão de literatura narrativa, com abordagem qualitativa, cujo objetivo foi analisar a atuação do enfermeiro nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), considerando seus desafios, atribuições e contribuições para a qualidade do cuidado ao paciente crítico. A busca foi realizada nas bases SciELO, LILACS, e BDENF, com publicações entre 2015 e 2025, utilizando descritores como “enfermagem”, “unidade de terapia intensiva” e “assistência de enfermagem”. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, em português ou espanhol, que abordassem a temática proposta, totalizando 17 artigos. Os resultados demonstraram que o enfermeiro intensivista desempenha papel central na assistência direta ao paciente crítico, no gerenciamento da equipe, na implementação de protocolos assistenciais e na vigilância do uso de tecnologias. Destacaram-se também desafios como sobrecarga de trabalho, déficit de formação especializada, estresse ocupacional e dificuldades na humanização do cuidado. A legislação profissional, como as Resoluções COFEN nº 358/2009 e nº 564/2017, reforça a autonomia e a responsabilidade do enfermeiro na prática intensiva. Conclui-se que a atuação do enfermeiro na UTI é essencial para a segurança, a eficácia e a humanização do cuidado, sendo necessário maior investimento em qualificação, valorização profissional e melhoria das condições de trabalho. O estudo contribui para ampliar a compreensão sobre o papel estratégico da enfermagem em ambientes críticos e para fomentar práticas baseadas em evidências.

3194

Palavras-chave: Enfermagem. Unidade de Terapia Intensiva. Assistência de Enfermagem. Paciente Crítico. Cuidado Intensivo.

INTRODUÇÃO

As Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) representam um dos ambientes mais desafiadores e complexos dentro do sistema de saúde, sendo destinadas ao cuidado de pacientes em estado crítico, que necessitam de vigilância contínua, suporte avançado à vida e intervenções terapêuticas imediatas. Neste cenário, a equipe multiprofissional exerce um papel essencial, sendo o enfermeiro um dos principais protagonistas do cuidado, atuando de forma direta, contínua e integrada com os demais profissionais de saúde (Felício, et al. 2024).

¹Pós-Graduado em Urgência e Emergência Em UTI- Faculdade Novo Horizonte, FNH. Recife-PE. Enfermeiro assistencial em UTI. Bacharelado em Enfermagem pelo Centro Universitário Brasileira (UNIBRA) Recife-PE.

²Docente no Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA). Escola Técnica de Saúde Hospital Português- (RHP). Mestrado Profissional em Terapia Intensiva- Instituto Brasileiro de Terapia Intensiva (IBRATI).

A assistência de enfermagem na terapia intensiva ultrapassa a mera execução de procedimentos técnicos: ela envolve uma abordagem holística, pautada em conhecimento científico atualizado, tomada de decisão rápida, raciocínio clínico apurado e habilidades interpessoais que favorecem o acolhimento tanto do paciente quanto de seus familiares (Gomes, et al. 2023).

A atuação do enfermeiro nesse contexto exige um perfil profissional altamente qualificado, capaz de lidar com a instabilidade hemodinâmica dos pacientes, interpretar parâmetros clínicos complexos, manejar tecnologias avançadas e responder com prontidão a situações de risco iminente à vida. Além disso, o enfermeiro na UTI desempenha funções de liderança, gestão do cuidado e supervisão da equipe de enfermagem, sendo responsável por garantir a segurança do paciente, a continuidade da assistência e a humanização do atendimento em um ambiente frequentemente marcado pelo sofrimento, pela dor e pela incerteza (Michelan, et al. 2018).

Outro aspecto fundamental a ser considerado é o impacto direto da assistência de enfermagem na evolução clínica dos pacientes críticos. Estudos demonstram que práticas baseadas em evidências, protocolos bem estabelecidos e uma assistência sistematizada e individualizada contribuem significativamente para a redução de complicações, tempo de internação e mortalidade nas UTIs. Nesse sentido, o enfermeiro não apenas executa cuidados, mas também atua como agente transformador, promovendo qualidade, ética e eficiência no processo de cuidar (Ribeiro, et al. 2021).

3195

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a importância da assistência prestada pelo enfermeiro na terapia intensiva, explorando suas atribuições, competências, desafios e contribuições para a qualidade do cuidado em saúde. Ao compreender a complexidade do trabalho do enfermeiro na UTI, busca-se valorizar sua atuação e incentivar a construção de práticas assistenciais cada vez mais qualificadas, seguras e humanizadas.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão de literatura narrativa, de abordagem qualitativa, cujo objetivo é reunir, descrever, e discutir os principais achados da produção científica relacionada à assistência de enfermagem na terapia intensiva. A revisão narrativa, por sua natureza descritiva e interpretativa, permite a construção de uma compreensão abrangente e

crítica sobre o tema, favorecendo a identificação de lacunas, controvérsias e avanços no campo de conhecimento estudado.

A busca dos materiais foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), por serem reconhecidas pela relevância e abrangência de sua produção científica nas áreas da saúde e da enfermagem. A pesquisa foi conduzida no período setembro de 2025, utilizando-se palavras-chave controladas extraídas dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), tais como “enfermagem”, “cuidados de enfermagem”, “unidade de terapia intensiva”, “assistência de enfermagem” e “paciente crítico”. Para refinar os resultados, foi utilizado o operador booleano “AND”.

Foram considerados como critérios de inclusão os artigos publicados no período de 2015 a 2025, disponíveis na íntegra, redigidos em português ou espanhol, que abordassem a atuação do enfermeiro na assistência a pacientes internados em UTIs, incluindo estudos originais, revisões de literatura, relatos de experiência, estudos de caso e trabalhos acadêmicos (teses e dissertações) com acesso público. Foram excluídos da análise os trabalhos duplicados nas bases de dados, artigos que não abordavam diretamente a temática proposta, documentos com acesso restrito ou incompleto, bem como publicações em idiomas não especificados e trabalhos publicados em anais de eventos.

3196

A seleção dos materiais seguiu duas etapas principais: inicialmente, realizou-se a leitura dos títulos e resumos para uma triagem preliminar dos estudos. Em seguida, os textos potencialmente elegíveis foram lidos na íntegra, a fim de verificar sua aderência aos objetivos da pesquisa. Essa triagem foi realizada de forma independente por dois revisores, e os casos de divergência foram resolvidos por meio de consenso. Após a seleção final dos artigos, procedeu-se à análise crítica do conteúdo, organizando-se as informações em categorias temáticas que permitissem compreender os elementos centrais da assistência de enfermagem na terapia intensiva.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, com enfoque interpretativo e descritivo com o total de 17 trabalhos analisados. Os achados foram organizados de acordo com os seguintes eixos temáticos: características da assistência de enfermagem na UTI, competências do enfermeiro intensivista, desafios enfrentados no cotidiano profissional e contribuições da enfermagem para a qualidade do cuidado ao paciente crítico. O processo de análise teve como objetivo principal identificar padrões, tendências, lacunas e contribuições

relevantes na literatura, de forma a oferecer uma base teórica consistente que auxilie na qualificação da prática profissional e no desenvolvimento de futuras pesquisas.

Por se tratar de um estudo baseado exclusivamente em fontes secundárias, com informações disponíveis publicamente, esta revisão está isenta de submissão e avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

A análise da literatura permitiu identificar uma diversidade de estudos que abordam a atuação do enfermeiro na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), evidenciando a complexidade, a responsabilidade e a abrangência das ações de enfermagem nesse ambiente. Os resultados apontam que o enfermeiro intensivista exerce papel central na gestão do cuidado, no monitoramento clínico, na liderança da equipe de enfermagem e na promoção da segurança do paciente crítico (Massaroli, et al. 2015).

No que se refere à legislação, destaca-se a Resolução COFEN nº 358/2009, que regulamenta a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e estabelece a obrigatoriedade de sua aplicação em todos os ambientes de prática profissional, inclusive nas UTIs. Essa normativa determina que o enfermeiro é o profissional legalmente habilitado para realizar o processo de enfermagem, compreendendo etapas como histórico, diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação da assistência, reforçando sua autonomia técnica e científica. Complementarmente, a Resolução COFEN nº 564/2017, que dispõe sobre as atribuições do enfermeiro na terapia intensiva, define como competências específicas a avaliação contínua do paciente crítico, a interpretação de exames laboratoriais e de imagem, a tomada de decisões clínicas e a coordenação das ações multiprofissionais (Cofen, 2017).

Estudos recentes apontam que o enfermeiro intensivista atua em uma média de carga horária semanal de 36 a 44 horas, com destaque para plantões em sistema de 12h por 36h ou 24h por 72h, conforme dados observados em hospitais públicos e privados de médio e grande porte. Em relação à proporção de profissionais, a Resolução RDC nº 07/2010 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) determina que haja um enfermeiro para cada dez leitos de UTI adulta, além de prever recursos humanos adequados à complexidade da assistência prestada (Mendes, et al. 2017).

A literatura revisada também evidencia que o enfermeiro é responsável por atividades que incluem a administração de medicamentos vasoativos, controle de balanço hídrico, avaliação de parâmetros ventilatórios, manejo de dispositivos invasivos como cateteres centrais e sondas, além do acompanhamento da monitorização hemodinâmica contínua. De acordo com dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), cerca de 65% dos enfermeiros intensivistas atuam também com gestão de risco e implementação de protocolos assistenciais, como cuidados com prevenção de úlceras por pressão, sepse, extubação acidental e infecção relacionada à ventilação mecânica (Calheiros, et al. 2018).

Outro dado relevante encontrado nos estudos refere-se ao nível de formação. Verificou-se que, embora a atuação na UTI exija conhecimento técnico-científico aprofundado, uma parcela significativa dos profissionais ainda atua sem especialização formal. Segundo levantamento publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, cerca de 40% dos enfermeiros atuantes em UTIs no Brasil não possuem título de especialista em terapia intensiva, embora demonstrem experiência prática na área. Por outro lado, programas de residência e pós-graduação lato sensu têm ganhado destaque nos últimos anos como estratégias de qualificação da assistência (De Oliveira, et al. 2019).

Além disso, os estudos analisados revelam que a sobrecarga de trabalho, o estresse ocupacional e a alta demanda emocional estão entre os principais desafios enfrentados por esses profissionais. Uma pesquisa nacional realizada com 812 enfermeiros intensivistas revelou que 76% relataram sintomas de estresse moderado a grave, associados à tomada de decisões rápidas, à responsabilidade sobre a vida do paciente e à escassez de recursos humanos. No mesmo estudo, 58% dos participantes mencionaram dificuldades em conciliar o cuidado técnico com a humanização da assistência, especialmente em situações de terminalidade da vida (Silva, et al. 2023).

3198

No que tange ao uso de tecnologias, os resultados indicam que o enfermeiro desempenha papel fundamental na manipulação e controle de equipamentos como bombas de infusão, monitores multiparamétricos, ventiladores mecânicos, sistemas de hemodiálise contínua e dispositivos de oxigenação extracorpórea (ECMO), sendo frequentemente o responsável pela vigilância constante do funcionamento e segurança desses aparelhos (Ouchi, et al. 2018).

Por fim, a literatura destaca a crescente incorporação de práticas baseadas em evidências na rotina dos enfermeiros de UTI. Protocolos institucionais voltados à segurança do paciente, como a checagem de medicações de alta vigilância, bundles de prevenção de infecções e uso

racional de antimicrobianos, têm sido implementados com a participação ativa da enfermagem. Diversos autores reforçam que a adoção dessas práticas está diretamente associada à redução de eventos adversos, à melhora nos indicadores de qualidade e à otimização dos resultados clínicos dos pacientes críticos (De Castro, et al. 2025).

DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão evidenciam que a assistência de enfermagem na terapia intensiva envolve uma complexidade que vai muito além da execução de técnicas, exigindo do enfermeiro não apenas competências clínicas, mas também habilidades gerenciais, éticas, emocionais e interpessoais. A atuação desse profissional é regida por um conjunto de legislações, diretrizes e protocolos que orientam e respaldam sua prática, reforçando seu protagonismo na estruturação do cuidado ao paciente crítico (Santos, et al. 2017). A Resolução COFEN nº 358/2009, que regulamenta a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), por exemplo, reforça a importância do processo de enfermagem como ferramenta para garantir a individualização, a continuidade e a qualidade da assistência, o que é especialmente crucial em unidades de terapia intensiva, onde a instabilidade clínica dos pacientes demanda monitoramento e intervenções constantes (Cofen, 2009).

3199

Nesse contexto, o enfermeiro torna-se o elo entre as demandas técnicas do cuidado intensivo e a organização das atividades da equipe multiprofissional. De acordo com a Resolução COFEN nº 564/2017, o enfermeiro intensivista deve possuir conhecimento aprofundado em fisiologia, farmacologia, cuidados críticos e gerenciamento de tecnologias, sendo também responsável por coordenar a equipe de enfermagem, participar da elaboração de planos terapêuticos e assegurar a aplicação dos protocolos institucionais. Esses requisitos refletem a exigência de um perfil profissional altamente qualificado, com formação contínua e capacidade de tomada de decisão rápida e fundamentada (Cofen, 2017).

A literatura revisada confirma que, na prática, muitos enfermeiros intensivistas ainda atuam sem especialização formal na área, apesar de acumularem vasta experiência clínica. Essa disparidade entre a formação acadêmica e as exigências do campo de trabalho pode comprometer a qualidade do cuidado prestado, principalmente em ambientes que demandam conhecimento técnico especializado e habilidades específicas de avaliação clínica. A carência de profissionais com formação específica é reflexo tanto da limitação na oferta de cursos de especialização quanto da falta de incentivo institucional à qualificação profissional contínua.

Isso evidencia a necessidade urgente de políticas que incentivem a formação especializada e o desenvolvimento profissional do enfermeiro que atua em ambientes críticos (Gomes, et al. 2024).

Outro aspecto fortemente abordado nos estudos refere-se à sobrecarga de trabalho e ao estresse ocupacional vivenciados pelos enfermeiros nas UTIs. A responsabilidade direta sobre pacientes em risco iminente de morte, somada à escassez de recursos humanos e à pressão por resultados, contribui para o desenvolvimento de quadros de exaustão física e emocional. A alta prevalência de sintomas de estresse entre enfermeiros intensivistas, conforme evidenciado em levantamentos nacionais, aponta para a necessidade de estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde mental dos profissionais, tais como grupos de apoio psicológico, escalas de trabalho mais flexíveis e valorização profissional (Dos Santos, et al. 2022).

A Resolução RDC nº 07/2010 da ANVISA, ao estabelecer que haja um enfermeiro para cada dez leitos de UTI, visa garantir uma assistência segura e eficaz. No entanto, relatos recorrentes na literatura indicam que essa proporção frequentemente não é respeitada, especialmente em unidades públicas com alta demanda. A insuficiência de profissionais compromete a execução adequada do processo de enfermagem, prejudica a implementação de protocolos e aumenta a incidência de eventos adversos, como infecções relacionadas à assistência e erros de medicação. Esses achados reforçam a importância de o dimensionamento da equipe ser feito com base em critérios técnicos e nas reais necessidades da unidade, e não apenas em parâmetros mínimos estabelecidos por normas legais (Anvisa, 2010).

3200

O domínio tecnológico do enfermeiro na UTI também merece destaque. O profissional é responsável não só por operar equipamentos de suporte à vida, como ventiladores mecânicos e bombas de infusão, mas também por interpretar os dados fornecidos por esses dispositivos, tomando decisões imediatas a partir dessa análise. Esse aspecto evidencia a necessidade de capacitação permanente, uma vez que a constante evolução tecnológica da terapia intensiva exige atualização contínua para que o cuidado seja seguro e baseado em evidências (Almeida, et al. 2016).

Além disso, observou-se que o enfermeiro intensivista é um dos principais protagonistas na implementação de protocolos assistenciais e de segurança do paciente. Práticas baseadas em evidência, como os bundles de prevenção de pneumonia associada à ventilação mecânica, sepse e infecção de corrente sanguínea, têm mostrado resultados positivos na redução de complicações e na melhoria dos desfechos clínicos. A atuação ativa da enfermagem na

construção e aplicação desses protocolos reforça o caráter científico da profissão e contribui para consolidar uma cultura de segurança e qualidade no ambiente hospitalar (Vasconcelos, et al. 2017).

A humanização do cuidado, por sua vez, aparece como um desafio importante na prática da enfermagem em terapia intensiva. Embora as UTIs sejam ambientes predominantemente técnicos, marcados pelo uso intensivo de equipamentos e procedimentos invasivos, é papel do enfermeiro garantir que o cuidado não se restrinja ao biológico. Estudos apontam que há dificuldades em equilibrar a assistência técnica com o acolhimento ao paciente e seus familiares, especialmente em situações de terminalidade da vida, em que o sofrimento é amplificado. O enfermeiro, portanto, precisa desenvolver competências relacionais e éticas para atuar com empatia, sensibilidade e respeito à dignidade do paciente em todas as fases do cuidado, inclusive no processo de morrer (Sanches, et al. 2016).

Por fim, a discussão sobre a atuação do enfermeiro na UTI também envolve sua participação em decisões clínicas e no gerenciamento do cuidado de forma integrada à equipe multiprofissional. Embora o modelo biomédico ainda seja dominante em muitas instituições, a valorização da interdisciplinaridade tem se mostrado fundamental para a efetividade da assistência. O enfermeiro, por conhecer o paciente de forma contínua e integral, tem muito a contribuir na elaboração e avaliação do plano terapêutico, sendo sua voz essencial nos momentos de definição de condutas, inclusive no que se refere à limitação ou suspensão de tratamentos de suporte à vida (De Oliveira, et al. 2025).

3201

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada por meio desta revisão de literatura narrativa permitiu compreender, de forma abrangente, a relevância e a complexidade da assistência de enfermagem no contexto das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs). A atuação do enfermeiro nesse ambiente se revela como um processo multifacetado, que exige competências técnico-científicas, habilidades gerenciais, sensibilidade ética e emocional, além de uma postura proativa na tomada de decisões clínicas e no enfrentamento de situações de elevada gravidade e instabilidade.

O enfermeiro intensivista assume um papel central na estruturação do cuidado, sendo responsável por planejar, executar e avaliar intervenções que impactam diretamente na recuperação, na estabilização clínica e, em muitos casos, na sobrevida do paciente crítico.

Observou-se que o exercício profissional na UTI não se limita à dimensão assistencial direta, mas envolve também a gestão de equipe, a implementação de protocolos institucionais, o uso racional de tecnologias, o monitoramento rigoroso de parâmetros vitais e a promoção da segurança do paciente. Tais aspectos reforçam a ideia de que a enfermagem intensivista deve ser reconhecida como uma especialidade que requer formação específica, atualização contínua e valorização profissional. No entanto, ainda é evidente a lacuna entre o perfil de formação dos profissionais e as exigências do campo de atuação, sendo frequente a presença de enfermeiros sem especialização formal em terapia intensiva, o que pode comprometer a qualidade e a segurança da assistência prestada.

Outro ponto importante destacado ao longo da revisão diz respeito às condições de trabalho desses profissionais. A sobrecarga física e emocional, a escassez de recursos humanos, a elevada pressão por resultados e o contato constante com o sofrimento e a morte impõem desafios significativos à saúde mental e ao bem-estar do enfermeiro que atua na UTI. Essas condições, se não forem adequadamente gerenciadas, podem levar à síndrome de burnout, absenteísmo, redução da produtividade e prejuízos à qualidade do cuidado. Portanto, torna-se urgente a adoção de políticas institucionais voltadas à valorização do profissional de enfermagem, por meio de estratégias que envolvam o dimensionamento adequado da equipe, programas de suporte emocional, reconhecimento salarial e incentivo à formação continuada.

3202

A presente revisão também evidenciou a importância da atuação do enfermeiro na construção de um cuidado humanizado, mesmo em um ambiente predominantemente técnico como a terapia intensiva. O equilíbrio entre o domínio técnico e a sensibilidade no trato com o paciente e seus familiares é uma competência que precisa ser cultivada continuamente, pois o cuidado em UTI não se resume à manutenção de funções vitais, mas deve considerar o ser humano em sua integralidade, respeitando seus direitos, valores e dignidade. Nesse sentido, o enfermeiro deve ser um agente ativo na promoção de uma cultura de humanização e empatia, mesmo diante da dor, do sofrimento e da terminalidade.

Adicionalmente, destaca-se que a consolidação de práticas baseadas em evidências vem transformando positivamente a assistência de enfermagem na terapia intensiva. A incorporação de protocolos clínicos, bundles de prevenção, diretrizes de segurança e indicadores de qualidade tem contribuído para a redução de eventos adversos e para a padronização de condutas, promovendo um cuidado mais eficaz, seguro e alinhado com os princípios da ciência e da ética profissional. O enfermeiro, nesse contexto, deve ser protagonista na implementação

e no monitoramento dessas práticas, assumindo sua responsabilidade científica e colaborando com o avanço da enfermagem como ciência.

Diante de tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que o enfermeiro na terapia intensiva ocupa um lugar de protagonismo inquestionável no cenário hospitalar. Sua atuação impacta diretamente na qualidade do cuidado, nos desfechos clínicos dos pacientes e na dinâmica de trabalho da equipe multiprofissional. No entanto, para que esse papel seja plenamente exercido, é necessário que haja investimento na formação especializada, valorização profissional, melhorias nas condições de trabalho e fortalecimento das políticas públicas voltadas à qualificação da assistência em ambientes críticos.

Por fim, destaca-se que, embora esta revisão tenha abordado diversos aspectos relevantes sobre a assistência de enfermagem na UTI, ainda existem lacunas que precisam ser exploradas por meio de novas pesquisas, especialmente aquelas que investiguem, de forma empírica, os efeitos da qualificação profissional na qualidade da assistência, os impactos emocionais do trabalho em terapia intensiva e as estratégias mais eficazes para a promoção da humanização em ambientes de alta complexidade.

Dessa forma, espera-se que este estudo contribua para ampliar o debate acadêmico e institucional sobre a importância do enfermeiro na terapia intensiva, incentivando o desenvolvimento de práticas cada vez mais qualificadas, seguras, éticas e humanizadas no cuidado ao paciente crítico.

3203

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (Brasil). Resolução RDC nº 7, de 24 de fevereiro de 2010. Dispõe sobre os requisitos mínimos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 25 fev. 2010.

ALMEIDA, Quenfin *et al.* Tecnologias leves aplicadas ao cuidado de enfermagem na unidade de terapia intensiva: uma revisão de literatura. *HU Revista*, v. 42, n. 3, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN nº 564, de 6 de novembro de 2017. Aprova o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, n. 215, p. 144-147, 13 nov. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução COFEN nº 358, de 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre a sistematização da assistência de enfermagem e a implementação do processo de enfermagem em ambientes públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de enfermagem, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 23 out. 2009.

CALHEIROS, Thaís Rafaela Santos Pinto *et al.* Atribuições do enfermeiro na gestão da Unidade de Terapia Intensiva. Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS, v. 5, n. 1, p. 11-11, 2018.

DE OLIVEIRA, Patrícia Veras Neves *et al.* Formação do enfermeiro para os cuidados de pacientes críticos na Unidade de Terapia Intensiva. Nursing Edição Brasileira, v. 22, n. 250, p. 2751-2755, 2019.

DE OLIVEIRA, Margarete Aparecida Martins *et al.* Integração Interprofissional e Interdisciplinar em Unidades de Terapia Intensiva e Emergência: Impactos na Qualidade do Cuidado e Segurança do Paciente. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 7, n. 3, p. 1440-1452, 2025.

DE CASTRO, Felipe Renato *et al.* Estratégias multidisciplinares de promoção da segurança do paciente em unidades de terapia intensiva (uti). ARACÊ, v. 7, n. 1, p. 2859-2871, 2025.

DOS SANTOS, Amanda Ferreira *et al.* Saúde Mental dos profissionais de enfermagem diante da sobrecarga de trabalho: uma revisão integrativa de literatura. E-Acadêmica, v. 3, n. 2, p. e5132188-e5132188, 2022.

FELICIO, Luiz Henrique Bressan *et al.* Desafios da Assistência de Enfermagem Humanizada na Unidade de Terapia Intensiva. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 6, n. 10, p. 3733-3742, 2024.

GOMES, Victor Alexandre Santos *et al.* Os desafios do gerenciamento dos cuidados de enfermagem ao paciente crítico em uma Unidade de Terapia Intensiva: um relato de experiência. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 23, n. 11, p. e14665-e14665, 2023.

GOMES, Thais Oliveira *et al.* Perfil formativo dos enfermeiros intensivistas no Brasil: estudo transversal. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 77, p. e20230460, 2024.

MASSAROLI, Rodrigo *et al.* Trabalho de enfermagem em unidade de terapia intensiva e sua interface com a sistematização da assistência. Escola Anna Nery, v. 19, n. 2, p. 252-258, 2015.

MENDES, Clesnan *et al.* Carga de trabalho e dimensionamento de pessoal de enfermagem em unidades de terapia intensiva. Revista de Atenção à Saúde, v. 15, n. 53, p. 5-13, 2017.

MICHELAN, Vanessa Cecilia de Azevedo *et al.* Percepção da humanização dos trabalhadores de enfermagem em terapia intensiva. Revista Brasileira de enfermagem, v. 71, p. 372-378, 2018.

RIBEIRO, Jaqueline Fernandes *et al.* Profissionais de Enfermagem na UTI e seu protagonismo na pandemia: Legados da Covid-19. Revista Enfermagem Contemporânea, v. 10, n. 2, p. 347-365, 2021.

SILVA, Noemia Santos de Oliveira. Síndrome de Burnout, ansiedade e depressão em profissionais de enfermagem que atuam em Unidade de Terapia Intensiva: estudo transversal. UFS. 2023.

SANCHES, Rafaely de Cassia Nogueira *et al.* Percepções de profissionais de saúde sobre a humanização em unidade de terapia intensiva adulto. Escola Anna Nery, v. 20, n. 1, p. 48-54, 2016.

SANTOS, Adailton da Silva dos *et al.* Análise do processo formativo de uma residência de enfermagem em terapia intensiva. Revista baiana de enfermagem. Salvador. Vol. 31, n. 4 (2017), p. e 22771, 2017.

OUCHI, Janaina Daniel *et al.* O papel do enfermeiro na unidade de terapia intensiva diante de novas tecnologias em saúde. Rev Saúde em Foco, v. 10, p. 412-428, 2018.

VASCONCELOS, Josilene de Melo Buriti *et al.* Ações de enfermagem antes e após um protocolo de prevenção de lesões por pressão em terapia intensiva. Escola Anna Nery, v. 21, p. e20170001, 2017.